

# **A Junta de Educação Nacional e a investigação científica em Portugal no período entre guerras**

---

AUGUSTO JOSÉ DOS SANTOS FITAS · JOÃO PRÍNCIPE  
MARIA DE FÁTIMA NUNES · MARTHA CECÍLIA BUSTAMANTE (EDS.)

---



TÍTULO: A Junta de Educação Nacional e a investigação científica em Portugal no período entre guerras  
EDITORES: Augusto José dos Santos Fitas, João Príncipe, Maria de Fátima Nunes, Martha Cecília Bustamante  
IMAGEM DA CAPA: Retirada da edição de 24 de Fevereiro de 1929 do jornal *O Século*, gentilmente cedida pela Biblioteca Pública de Évora

DESIGN: Ana Sarmento

PAGINAÇÃO: Nuno Pacheco Silva

DATA DE EDIÇÃO: Novembro 2013

ISBN: 978-989-658-209-8

DEPÓSITO LEGAL: 366460/13

EDIÇÃO:



Caleidoscópico Edição e Artes Gráficas, SA

Rua de Estrasburgo, 26 – r/c dto.

2605-756 Casal de Cambra · Portugal

Tel.: (351) 21 981 79 60 · Fax: (351) 21 981 79 55

e-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt

APOIO:

Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência



cehfc

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



QUADRO  
DE INTERVENÇÃO  
E INVESTIÇÃO  
NACIONAL



Este livro apresenta os resultados do colóquio *A Junta de Educação Nacional e a investigação científica em Portugal no período entre guerras*, realizado nos dias 25 e 26 de Maio de 2012 na Universidade de Évora.

QUINTINO LOPES\*

**A JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL (JEN) E O APOIO  
À INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE EGAS MONIZ:  
NOVAS INTERPRETAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS\*\*\*\***  
**THE NATIONAL EDUCATION BOARD (JEN) AND  
SUPPORT FOR EGAS MONIZ'S SCIENTIFIC RESEARCH:  
NEW HISTORIOGRAPHIC INTERPRETATIONS**

**Abstract:** The role of the state in supporting Egas Moniz in his scientific investigation has not hitherto been examined in historical research studies. Following the granting of access to the archives of the Camões Institute and an examination of documentary evidence on the National Education Board (JEN), an urgent need has been revealed for launching a new research agenda focusing on historiographical concerns. This preliminary study has highlighted the board's *active support* for the scientific research carried out by Egas Moniz from 1929 to 1936. This research demonstrates how the image constructed by Egas Moniz, of a scientist *purposely denied help* by the Portuguese government, which has been portrayed in studies up until the present, is at odds with the facts as evidenced by sources from the archives we propose to investigate.

**Keywords:** National Education Board; grants; medical scientific research; Egas Moniz

**Palavras chave:** Junta de educação Nacional; bolsas; investigação científica em medicina; Egas Moniz

\* Doutorando em História e Filosofia da Ciência (UE-CEHFCi). Até 31 de Março de 2012 foi bolseiro do projecto HC/0077/2009. Desde 1 de Abril de 2012 é bolseiro de doutoramento da FCT; e-mail: quintinolopes@iol.pt

\*\* This work is financed by funds FEDER through the Operational Competitiveness Factors Program (COMPETE) and national funds through FCT (Foundation for Science and Technology) by the project HC/0077/2009.

\*\*\* Este trabalho é tributário da contribuição do Professor Doutor Augusto José dos Santos Fitas e da Professora Doutora Maria de Fátima Nunes.

## O Estado (JEN) e a Investigação Científica de Egas Moniz: Testemunho na 1.ª Pessoa

A autobiografia científica de Egas Moniz, *Confidências de Um Investigador Científico*<sup>1</sup>, assume-se como um excelente ponto de partida para aferir qual o seu discurso sobre o papel desempenhado pelo Estado português na sua investigação científica. Nas suas mais de 600 páginas, onde o autor nos descreve as suas duas grandes invenções, a angiografia cerebral e a leucotomia pré-frontal, dando-nos conta do modo como foram criadas e desenvolvidas, somos confrontados com uma tese dominante no respeitante à questão em análise.

O capítulo IX – “As hostilidades dos colegas e a falta de auxílio material” prefigura o que vem a ser o seu discurso concernente ao papel do Estado e à posição assumida pelos seus colegas de profissão no desenvolvimento da sua investigação. Relativamente a estes últimos, concretamente aos seus colegas da Faculdade de Medicina de Lisboa, comenta a sua oposição ou pelo menos a inércia perante o seu intento de alargar o “... Serviço de Neurologia por sobre o armazém do Economato, que se instalara na velha igreja do antigo convento de Santa Marta”<sup>2</sup>.

Na sua perspectiva, “Era indispensável que tais atitudes não entrassem a marcha dos resultados, que, felizmente, seguiram bem, alcançando novas e sucessivas aquisições científicas, que, nos centros neurológicos estrangeiros, continuavam a ser apreciadas, mau grado a luta que sentia de todos os lados”<sup>3</sup>. Concretizando sobre a origem dessa luta que lhe era movida, conclui afirmando que “O desprezo a que fui votado pelos médicos nacionais, salvo raras excepções, teve sempre essa característica: não terem sido lidos os meus trabalhos”<sup>4</sup> e que “... nada pude obter dos ministros da Educação...”<sup>5</sup>.

Se o capítulo analisado sintetiza a sua perspectiva sobre a agenda em análise, no decorrer da narrativa não deixam de ser enunciadas outras situações que a complementam. Exemplificativas são as suas palavras ao referir-se à invenção da leucotomia pré-frontal, em 1935: “Enfrentávamos grandes dificuldades materiais, seguíamos desajudados e sem os indispensáveis recursos. (...) A minha tenacidade felizmente tudo venceu”<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> (MONIZ, 1949).

<sup>2</sup> (*Ibid.*: 108-109).

<sup>3</sup> (*Ibid.*: 110).

<sup>4</sup> (*Ibid.*: 112).

<sup>5</sup> (*Ibid.*: 113).

<sup>6</sup> (*Ibid.*: 348-349).

A tónica de ter sido desajudado, devendo-se às suas qualidades individuais a superação das dificuldades, é reforçada numa carta que dirige a Walter Freeman, em 9 de Julho de 1946. Assumindo-se nas suas próprias palavras como um complemento à sua autobiografia científica, Egas Moniz é aqui mais incisivo e explicitamente defende:

«... o Governo sempre desajudou, e propositadamente, o meu trabalho científico, desde os primeiros ensaios sobre a angiografia cerebral. Essa atitude hostil tornou-se mais intensa com os primeiros sucessos. (...) O Governo... nunca melhorou a minha instalação hospitalar, única solicitação que lhe fiz e com uma insistência que quase me vexava. (...) As minhas solicitações foram sempre indeferidas ou, melhor, desprezadas. (...) Ao abandono propositado dos dirigentes governamentais juntou-se a má vontade de uma grande parte dos colegas da Faculdade. (...) Nada disso porém me contundia. Votei ao desprezo Governo e invejosos e segui o meu caminho com a tranquilidade e a calma de que pude dispor. (...) Da parte dos dirigentes caiu sobre a minha obra, que nada tinha com a conduta política, um sistemático anátema: abandono absoluto e o propósito de depreciar o meu esforço e os resultados obtidos. (...) A maior parte das clínicas hospitalares melhoravam desde que os seus directores se interessassem pelo seu desenvolvimento e não fossem declaradamente antifascistas. (...) No meu caso os menores desejos foram contrariados. (...) E assim entre os réprobos, já sem forças para combater, mas sempre firme nos meus princípios, com coisa alguma podia contar. Tive de limitar-me às condições que me impuseram sem reacção possível. Esta foi uma das causas mais importantes da pequena expansão dada à leucotomia em Portugal»<sup>7</sup>.

A tese de nunca ter usufruído de qualquer apoio do governo de Salazar na prossecução dos seus objectivos científicos é reafirmada mais tarde, em 1954, num manuscrito seu, onde defende que

«Do governo do ditador Salazar, homem de ideias curtas, a quem o colégio Carolina de Estocolmo deu o desgosto de me fazer Prémio Nobel, nunca tive nem auxílio para o meu serviço de neurologia – nem sequer sombra de reconhecimento

<sup>7</sup> Esta carta encontra-se integralmente transcrita em (MELO, 2000: 113-124).

para o que consegui para o nosso país, trazendo, pela primeira vez, para a grei que fala português, a mais alta distinção a que pode aspirar um homem de ciência»<sup>8</sup>.

Alguns anos antes, em 1948, e num contexto público, Egas Moniz havia proferido duas conferências sobre Ramon y Cajal, na Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa. Publicando-as em 1950 num pequeno volume, em que acrescenta um posfácio, aí sustenta a tese de que se inicialmente Cajal se deparou com insuficientes recursos e um ambiente desfavorável, como ele próprio, quando se viu consagrado nacional e internacionalmente recebeu apoio do governo espanhol, enquanto o cientista nascido em Avanca esteve sempre desprotegido pelo Estado português<sup>9</sup>.

Notoriamente o discurso público e privado de E. Moniz é coerente no respeitante ao papel do Estado no desenvolvimento da sua actividade científica. Curiosamente, somente após a sua jubilação, em 1944, a sua memória sobre esta problemática é fixada nos suportes enunciados.

Uma análise mais detalhada das fontes consultadas revela-nos, contudo, concretamente nas *Confidências*, a alusão ao Instituto para a Alta Cultura (IAC) em duas circunstâncias distintas – na referência à realização em Lisboa de um Congresso Internacional de Neurocirurgia, em Abril de 1947, Egas Moniz afirma ter o IAC disponibilizado 30.000\$00 para as despesas de organização do evento, montagem da exposição angiográfica no Hospital Júlio de Matos, recepção dos congressistas e transportes<sup>10</sup>. Sobre a sessão solene de abertura do Congresso Internacional de Psicocirurgia, ocorrido em Lisboa, em 1948, do qual foi presidente, refere ter presidido à mesa o Presidente da República, ladeado pelo Subsecretário de Estado da Saúde e Assistência Social e pelo Subsecretário de Estado da Educação Nacional, entre outros. Nas poltronas professorais sentaram-se os dois convidados de honra, Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências e Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto para a Alta Cultura<sup>11</sup>.

Ao descrever um jantar oficial ocorrido neste congresso, Egas M. afirma que um dos três convidados de honra era o professor Gustavo Cordeiro Ramos. Tendo saudado os congressistas em nome do IAC, Cordeiro Ramos recebeu do neurologista português um agradecimento nos seguintes termos:

<sup>8</sup> *In* (CORREIA, 2010: 98-99).

<sup>9</sup> (MONIZ, 1950: 68).

<sup>10</sup> (MONIZ, 1949: 443-445).

<sup>11</sup> (*Ibid.*: 502, 541-543).

«Sua Ex.<sup>a</sup> sempre tem patenteado um grande interesse pelo labor científico nacional, de que sou testemunha e beneficiário; pois tem sempre distinguido com a sua presença as nossas manifestações científicas e festivas. A magnífica saudação que dirigiu aos médicos aqui reunidos para se ocuparem de um novo tema a – Psicocirurgia, – mostra a sua elevada compreensão do progresso e o desempoiado estímulo que o domina na esfera da sua alta missão educativa»<sup>12</sup>.

Estas referências públicas ao IAC, sobretudo as palavras dirigidas ao seu presidente, remetendo-nos para uma ideia de reconhecimento de ser beneficiário do seu apoio, em finais dos anos 40, por este presenciar os congressos em que desempenha funções de relevo, constituem uma excepção à tónica do seu discurso. Não alterando a sua tese dominante, registada nas diversas fontes enunciadas, de que o Estado ditatorial não apenas não o ajudou, como propositadamente o desajudou nas suas investigações científicas, esta memória por si fixada, conjugada com o seu *esquecimento* do auxílio prestado pela JEN à sua investigação científica, vai influenciar fortemente a literatura produzida até à actualidade.

### O Estado (JEN) e a Investigação Científica de Egas Moniz: o Estado da Arte

Uma obra fundamental para efectuar um mapeamento das diversas agendas centradas em E. Moniz é a monografia *Egas Moniz em Livre Exame*<sup>13</sup>. Os seus capítulos revelam-nos a diversidade de temas que têm como elemento comum a figura do Prémio Nobel da Medicina português: a sua vida académica, personalidade, actividade política e científica, relação que manteve com a literatura e a arte, o seu Ex-líbris, a Casa-Museu e o Centro de Estudos Egas Moniz. Estas são as grandes áreas temáticas abordadas, donde resulta a constatação da ausência de uma agenda historiográfica centrada na relação entre o Estado e a investigação científica de E. Moniz<sup>14</sup>.

Sem nunca mencionar a JEN, na monografia em análise somente se efectua, por vezes, breves referências ao Estado Novo, apontando no sentido de menosprezar

<sup>12</sup> (*Ibid.*: 554-555).

<sup>13</sup> (PEREIRA e PITA, 2000).

<sup>14</sup> A mesma conclusão é retirada de (PITA e PEREIRA, 2000).

a investigação científica do neurologista português. Atenda-se a título exemplificativo ao capítulo de Alexandre Castro Caldas, concernente ao Centro de Estudos Egas Moniz. Baseado num trabalho seu já publicado em 1986, com o título “A criação do Centro de Estudos Egas Moniz”<sup>15</sup>, em *Egas Moniz em Livre Exame* o seu discurso praticamente é apenas acrescentado da contextualização da criação deste Centro de Estudos.

«É bem conhecida a opinião dos políticos do Estado Novo sobre esta personalidade [Egas], que de tão interveniente que foi na política nacional a seguir à República, se remeteu a um silêncio crítico depois de 1926. Não era, por isso, de esperar que o poder instituído estivesse atento ao trabalho científico e muito menos se preocupasse em distinguir a personagem que o protagonizava. (...) O Prémio Nobel surge de forma inesperada para o poder instituído atribuído numa idade da vida em que se já não aposta. Criou-se, assim, uma situação de embaraço. Como enaltecer uma carreira passada que sempre se tentou reduzir e minimizar, recuperando os louros para um sistema político pouco apoiante; o que fazer a um cientista agraciado no fim da carreira. Não parecia lógico criar condições ao próprio para que desenvolvesse as suas ideias quando se pensava estar já seca a fonte de inspiração. Não parecia possível considerar o resultado da investigação como interesse partilhado do Governo no seu desenvolvimento e apoio. Como seria possível então lidar com o problema, já que a personalidade forte e determinada do laureado não deixaria de publicamente desmascarar as inverdades. (...) Em 3 meses, criou-se o Centro de Estudos Egas Moniz, um tempo cuja velocidade hoje temos dificuldade em compreender e que só justificamos como a necessidade de redimir o erro, não por contrição de atitudes passadas, mas por necessidade de aproveitamento político»<sup>16</sup>.

Esta visão historiográfica encontra correspondência, na mesma obra, nos capítulos de António da Rocha Melo e Jaime Milheiro. O primeiro transcreve a carta de Egas M. para Walter Freeman em 1946<sup>17</sup>, fundamentando desse modo as causas da pouca expansão da leucotomia pré-frontal em Portugal. Tendo sido primeiramente publicada após o 25 de Abril de 1974, concretamente em 1978, pela Comissão

<sup>15</sup> (CALDAS, 1986: 122-124).

<sup>16</sup> (CALDAS, 2000: 315-316).

<sup>17</sup> Carta correspondente à citação com a nota de rodapé 7.

Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento do Professor Egas Moniz, a transcrição desta carta em 2000 não foi acompanhada de qualquer nova contextualização ou interpretação<sup>18</sup> que pudesse modificar esta *visão cristalizada* da historiografia portuguesa.

Jaime Milheiro, também confiando nas palavras de Egas M., recorre à mesma fonte para defender a ideia de que sendo um opositor político à ditadura não se lhe devia conceder amabilidades<sup>19</sup>.

Notoriamente influenciada pela memória fixada pelo neurologista português, juntamente com esse seu testemunho, esta visão historiográfica influencia a literatura internacional. Tomemos como casos de estudo três obras que abordam E. Moniz e a Psicocirurgia.

Jack D. Pressman, em *Last Resort: Psychosurgery and the Limits of Medicine*, menciona Egas Moniz e o neurocirurgião Almeida Lima, defendendo que embora aquele não estivesse isolado da comunidade médica mundial, dispunha de uma base política enfraquecida, o que, juntamente com a sua saúde precária, o forçou a abandonar a psicocirurgia<sup>20</sup>. Nesta obra, que aborda a psicocirurgia nos EUA, esta é a única ideia do autor sobre a relação entre a investigação científica de E. Moniz e o Estado português.

Mais recentemente, Marshall J. Getz, ao abordar o papel desempenhado por E. Moniz e Walter Freeman no desenvolvimento da psicocirurgia, apresenta uma visão ainda mais extremada da posição de E. Moniz no seio da comunidade científica internacional e perante o Estado português, argumentando que quando participou no II Congresso Neurológico Internacional, em Londres, em 1935, o mundo ainda não o conhecia muito bem, nomeadamente porque tinha estado isolado, por vezes na prisão – encarcerado pelo regime de Salazar – e publicava sobretudo em português<sup>21</sup>. Apresentando Egas M. como estando paraplégico desde 1939, numa cadeira de rodas, em virtude do atentado de que foi vítima<sup>22</sup>, este autor remete-nos para um encadear de *mitos* sem qualquer fundamento histórico<sup>23</sup>.

<sup>18</sup> (MELO, 2000: 113-124).

<sup>19</sup> (MILHEIRO, 2000: 165-174).

<sup>20</sup> (PRESSMAN, 1998: 49-50, 53).

<sup>21</sup> (GETZ, 2009: 129, 136).

<sup>22</sup> (*Ibid.*: 138).

<sup>23</sup> Se o cientista nascido em Avanca não ficou paraplégico com o atentado sofrido em 1939, a consulta de uma cronologia da sua vida e obra revela-nos ainda que em 1935 já tinha publicado diversos trabalhos em revistas estrangeiras, juntamente com monografias em língua francesa (PEREIRA e PITA, 2000: 381-388).

Ultimamente, Zbigniew Kotowicz, ao examinar a convicção que está por detrás da psicocirurgia, concretamente que a doença mental é uma doença do cérebro, tece breves considerações sobre a posição do neurologista português perante a ditadura salazarista. Sustentando que após Salazar alcançar o poder em 1932, a sua carreira profissional não foi afectada, fundamenta-se em Ana Leonor Pereira e João Rui Pita para defender que a PIDE não parece ter-lhe prestado muita atenção<sup>24</sup>. Ainda assim, nomeadamente quando do lançamento da psicocirurgia, o autor defende que Egas M. não poderia contar com quaisquer favores do regime de Salazar, para com o qual ele era conhecido ser hostil<sup>25</sup>.

Perante as teses veiculadas, dois trabalhos recentes assumem particular importância. Referimo-nos à biografia de E. Moniz, da autoria de João Lobo Antunes<sup>26</sup>, e à dissertação de doutoramento de Manuel Correia<sup>27</sup>. Continuando aí ausente uma agenda debruçando-se sobre o protagonismo do Estado na actividade científica de E. Moniz, estas obras destacam-se da restante literatura nacional e internacional por reconhecerem, e justificarem com casos concretos, que o neurologista português não foi *propositadamente desajudado* pelo Estado (Novo).

Ambos os autores constatarem que E. Moniz não foi perseguido pelo regime salazarista<sup>28</sup>. Desse modo, conseguiu "... sempre desenvolver as suas actividades em Portugal e, apesar da manifesta falta de meios que, por mais de uma vez, denunciou, pôde concretizar os seus planos, realizar-se intelectual, política e profissionalmente, agraciado pela imprensa e pelo reconhecimento generalizado dos seus pares"<sup>29</sup>.

Outro argumento funda-se na atenção conferida ao que outros autores menos prezaram e que foi descrito pelo próprio cientista nas *Confidências*. Reportamo-nos ao facto de Lobo Antunes e Manuel Correia reconhecerem que o regime patrocinou eventos públicos em que Egas M. desempenhou papéis de destaque, como o 1.º Congresso Internacional de Psicocirurgia, reunido em Lisboa, em 1948<sup>30</sup>. Também o apoio do governo à criação do Centro de Estudos Egas Moniz é usado por João Lobo Antunes como mais uma evidência de como o Estado Novo, pelo menos no final da sua carreira científica, o não menosprezou<sup>31</sup>.

<sup>24</sup> (KOTOWICZ, 2012: 180-181).

<sup>25</sup> (*Ibid.*: 105).

<sup>26</sup> (ANTUNES, 2011).

<sup>27</sup> (CORREIA, 2010).

<sup>28</sup> (ANTUNES, 2011: 237-238); (CORREIA, 2010: 98-99).

<sup>29</sup> (CORREIA, 2010: 51).

<sup>30</sup> (*Ibid.*: 99-100, 176); (ANTUNES, 2011: 298-299).

<sup>31</sup> (ANTUNES, 2011: 298-299).

Possuindo o mérito de colocar E. Moniz numa *nova* posição perante o Estado ditatorial, estas obras ainda reflectem, contudo, o desconhecimento do arquivo do Instituto Camões (IC). Essa realidade ajudará a explicar, em parte, as agendas e concepções veiculadas e, sendo assim, como é perceptível em João Lobo Antunes, entre outros autores, no respeitante ao protagonismo de E. Moniz, a tónica recai na relação entre o seu ego e a importância que reconhece aos seus colaboradores, não sendo enfatizado o binómio Egas/Estado<sup>32</sup>.

### O Estado (JEN) e a Investigação Científica de Egas Moniz: Acervo Documental do Instituto Camões

Desde a época de E. Moniz até recentemente muita da literatura produzida enfatiza o seu génio e persistência na consagração que alcançou<sup>33</sup>. Não deixando de lhe reconhecer essas qualidades individuais, João Lobo Antunes e Manuel Correia entendem que a sua integração nas redes científicas internacionais foi fundamental no seu reconhecimento e consagração.

Lobo Antunes destaca como Egas M. percebeu a importância de comunicar o que inventava, participando em congressos e reuniões científicas internacionais, e publicando trabalhos em línguas estrangeiras, nomeadamente francesa e inglesa<sup>34</sup>.

Manuel Correia, por seu lado, radica a notoriedade elevada e sucessivas nomeações para o Prémio Nobel do neurologista português na sua rede internacional de contactos, cumplicidades, intercâmbio médico; na apresentação tempestiva dos resultados da sua investigação nas instituições científicas francesas, inglesas e alemãs; na rápida publicação dos textos estratégicos nas revistas de circulação internacional, para obviar a disputas sobre o ineditismo, a originalidade e a prioridade<sup>35</sup>.

Como verificaremos, o estudo do acervo documental do Instituto Camões, nos processos referentes à JEN, permite-nos verificar como este organismo estatal, entre 1929 e 1936, desempenhou um papel fundamental na integração de E. Moniz nas redes internacionais, contribuindo decisivamente para o seu reconhecimento nacional

<sup>32</sup> (ANTUNES, 2011). Vd. também a este respeito (COSTA, 1986: 125-129).

<sup>33</sup> Vd. a este propósito *Lisboa Médica*. Ano XIV, n.º 12, Dezembro de 1937: 749-891 (número dedicado à angiografia cerebral); (MALPIQUE, 1969a: 197-226); (MALPIQUE, 1969b: 241-261); (COELHO, 2000: 51-65); (CASTELO, 2006: 139-142).

<sup>34</sup> (ANTUNES, 2011: 176-177, 223-226, 316); (ANTUNES, 2006: 157-161).

<sup>35</sup> (CORREIA, 2010: 77-81, 86, 320).

e internacional, culminado, em 1949, com a atribuição do Nobel da Medicina ou Fisiologia.

#### Doutoramento *honoris causa* da Universidade de Lyon (1929)

Um exemplo de consagração internacional, a que o arquivo do Instituto Camões acrescenta novas informações que começam a delinear a justificação da nossa tese, consiste na atribuição de um doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Lyon em 1929. Entre a bibliografia publicada é Lobo Antunes quem, na sua biografia de Egas M., mais desenvolve este episódio da sua vida académica:

«Provavelmente na sequência do sucesso dos seus trabalhos com a angiografia, Egas é feito Doutor Honoris Causa da Universidade de Bordéus e Lyon (15.6.29). Em Lyon é seu companheiro de viagem e de honras académicas Eugénio de Castro, ainda seu parente afastado e com quem tinha algumas parecenças físicas, que lhe envia a propósito da ocasião várias missivas. Uma delas é deliciosamente queirosiana: 'Leva algumas condecorações? Eu estou em levar a Legião de Honra e uma ou duas comendas.' Pede também que acordem os 'passos necessários para que o Ministério da Instrução se esportule com qualquer subsídio'»<sup>36</sup>.

Não se alongando mais nesta questão, sabemos contudo que o pedido de subsídio de deslocação e estadia é encaminhado para a Junta, ao qual o 1.º secretário, Luís Simões Raposo, dá um parecer favorável em 26 de Outubro de 1929, justificado nas seguintes premissas:

«A concessão dos títulos de doutores honoris causa aos professores Domingos Fezas Vital, Eugénio de Castro e Almeida, António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz e Joaquim Pedro Martins tem, pela sua própria natureza, o carácter de homenagem pessoal, podendo haver dúvidas quanto à legitimidade da sua inclusão na categoria das relações de expansão cultural e intercâmbio intelectual. Sobre este caso terá a Junta de estabelecer doutrina, visto que, pela primeira vez, lhe é presente assunto semelhante. (...) Cumpre-me, entretanto, apresentar as considerações seguintes: A ida dos referidos professores a Lião, nas condições em que a presente visita é feita, corresponde, evidentemente, a um dos fins para que a Junta foi criada, segundo se depreende da leitura do sétimo considerando que antecede

<sup>36</sup> (ANTUNES, 2011: 161-162).

o decreto N.º 16.381, que a fundou, e onde se põe em evidência a vantagem de manter uma intensa ligação entre os homens de ciência do nosso e de outros países. As cerimónias que terão lugar naquela cidade darão, ainda, oportunidade à realização de conferências por alguns dos professores, o que certamente contribuirá para a expansão internacional da cultura portuguesa»<sup>37</sup>.

Os quatro professores catedráticos, respondendo às exigências impostas pela Junta, enviam ao seu 1.º secretário ou ao presidente, no regresso, relatórios dos trabalhos efectuados, descrevendo as cerimónias e os contactos de sociabilidade científica estabelecidos<sup>38</sup>.

A análise desses relatórios permite-nos verificar que Egas M. e Eugénio de Castro apresentam conferências, respeitando ambos os fundamentos do parecer de Simões Raposo. Eugénio de Castro discursa sobre "Os Sonetos de Camões", em Lyon, a 4 de Novembro de 1929<sup>39</sup>, enquanto E. Moniz capitaliza a atribuição do subsídio divulgando os seus trabalhos em duas conferências. A primeira, em Lyon, sobre "O valor diagnóstico da encefalografia arterial" e a segunda, no regresso a Portugal, em Barcelona, intitulada "As injeções intracarotídeas de iodeto de sódio no diagnóstico e tratamento da hipertensão intracraniana"<sup>40</sup>.

#### XIII Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médicas (1930)

De acordo com o artigo 81.º do Regulamento da JEN vigente desde o ano económico de 1930/31, dever-se-ia promover e subsidiar a reunião de conferências e congressos científicos em Portugal<sup>41</sup>. Assim se entende que, tendo-se realizado em Outubro de 1930, em Lisboa, o XIII Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médicas, E. Moniz, enquanto presidente do mesmo, solici-te à Junta a atribuição de um subsídio não inferior a 15.000\$00 ou 20.000\$00, em 4 de Junho desse ano<sup>42</sup>.

<sup>37</sup> (AIC: 0495, 04, 2). Tal como já se indicou noutras publicações, de ora em diante os documentos do Arquivo do Instituto Camões serão representados pelas iniciais AIC, a que se seguem quatro grupos de dígitos, separados por vírgula, representando: caixa, processo, documento e página.

<sup>38</sup> (AIC: 0495, 04, 8/ 9/ 12 e 14).

<sup>39</sup> (AIC: 0495, 04, 9).

<sup>40</sup> (AIC: 0495, 04, 12).

<sup>41</sup> (JEN, 1932: 31-49).

<sup>42</sup> (AIC: 0538, 04, 1 e 2).

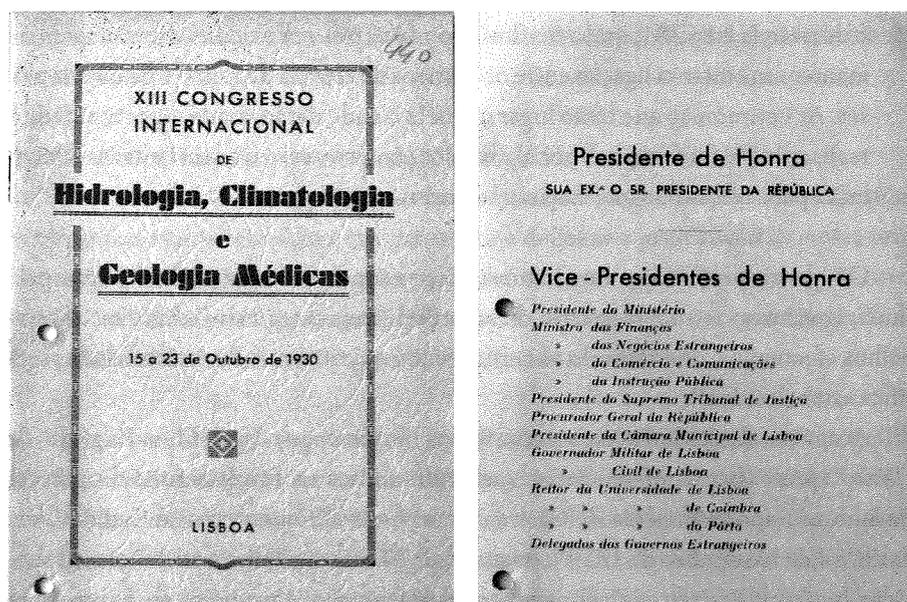


Fig. 1 – As duas primeiras páginas do programa do congresso. Crédito do IC (AIC: 0538, 33), autorizado pelo IC

Disponibilizando a Comissão Executiva, em sessão de 29 de Junho de 1930, 7.000\$00 para as despesas com o evento<sup>43</sup>, a JEN esteve longe de satisfazer o pedido por inteiro. Contudo, não deixa de ser significativo este organismo subsidiar um congresso internacional presidido por E. Moniz, sobretudo se atendermos ao facto de somente financiar a realização de 3 congressos científicos em Portugal<sup>44</sup>.

De acordo com o Programa Geral, a sessão solene de abertura decorreu na Sala Nobre da Academia das Ciências de Lisboa, sob a presidência do chefe do Estado e com a assistência do governo, em 15 de Outubro de 1930. A realização de diversas visitas, nomeadamente a Sintra e ao Mosteiro da Batalha<sup>45</sup>, mostram ter-se aproveitado a ocasião para conciliar ciência e cultura sob a omnipresença do poder político.

Como verificámos anteriormente, o apoio do Estado português em moldes semelhantes registou-se no Congresso Internacional de Psicocirurgia, em 1948.

<sup>43</sup> (AIC: 0538, 04, 1).

<sup>44</sup> Os outros dois congressos realizados sob o enquadramento da Junta foram o XV Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica, em 1930, e o XXVIII Congresso da Association des Anatomistes, em 1933 (JEN, 1930: 161); (AIC: 1222, 16, 1 e 2).

<sup>45</sup> (AIC: 0538, 33). Vd. também “Congresso de Hidrologia, Climatologia e Geologia Medicas” in *Diário de Notícias*. Ano 66.º – N.º 23244, Quarta-feira, 15 de Outubro de 1930: 1.

Contudo, se Egas M. inscreveu nas *Confidências* o apoio do governo e a presença de Óscar Carmona na reunião científica de 1948<sup>46</sup>, remeteu o congresso de 1930, e o apoio financeiro e reconhecimento estatal de que beneficiou, ao esquecimento, contribuindo, desse modo, para a sua ausência na literatura que estuda a sua vida e obra.

#### Bolseiros fora do país da JEN (e Fundação Rockefeller) membros da Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa

As bolsas de estudo da Junta, no país e no estrangeiro, consistiam num outro mecanismo desta instituição visando a modernização da cultura nacional e a *renovação* pedagógica, científica e económica do país<sup>47</sup>. Embora não tenha usufruído a título pessoal desta modalidade de apoio, E. Moniz, enquanto director da Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, teve 3 dos seus colaboradores realizando estágios no estrangeiro subsidiados pela Junta ou pela Fundação Rockefeller.

Centremo-nos em Pedro Manuel de Almeida Lima, o principal colaborador de Egas M. ao longo da sua carreira científica<sup>48</sup>. Em 1932, usufruindo de uma bolsa de estudo de 6 meses, realizou o seu primeiro estágio no London Hospital, para onde voltou em 1933, com uma bolsa da Fundação Rockefeller, e em 1935, novamente subsidiado pela Junta. Enviado e incentivado por Egas M., que graças a estas instituições assegurou a especialização que desejava para o seu discípulo, aí trabalhou no Serviço de Neurocirurgia de Hugh Cairns, o principal neurocirurgião inglês<sup>49</sup>.

Se na perspectiva da JEN a concessão destas bolsas no serviço de Hugh Cairns mostra a preocupação em possibilitar aos seus bolseiros a aprendizagem sob a orientação dos mais reputados, não se evitam, contudo, dificuldades, derivadas inclusivamente de limitações inerentes à instituição, que Almeida Lima denuncia. A título exemplificativo atendamos às suas palavras na primeira carta que endereça a Simões Raposo, em 10 de Fevereiro de 1932, após iniciar o seu estágio em Londres:

<sup>46</sup> (MONIZ, 1949: 502, 543-546, 554-555).

<sup>47</sup> (JEN, 1931: 9-16, 29-30).

<sup>48</sup> (ANTUNES, 2011: 11).

<sup>49</sup> (PRESSMAN, 1998: 466). Vd. também (ANTUNES, 1996: 181-183).

**Tabela 1**  
**Bolseiros fora do país da JEN (e Fundação Rockefeller) membros da Clínica Neurológica/ Instituto de Neurologia de Lisboa**

Nome	Ano	Duração da Bolsa (meses)	Cidade/Instituição de Destino	Temática de Estudo	Fontes
Arnaldo Abranches de Almeida Dias	1929/30	9+ 3 T:12	Hamburgo: Hospitais de Friedrichsberg e de Eppendorf; Munique, Breslau: Clínicas Neuropsiquiátricas e Neurológicas, e Institutos de Neuro-Histologia	Anatomia patológica do sistema nervoso; Profere conferência (Hamburgo, 18/07/30); Publica artigo científico em periódico internacional	JEN, 1930: 45-46; JEN, 1932: 58-59, 89-93
Pedro Manuel de Almeida Lima	1932	6	Londres: London Hospital e National Hospital Queen Square – Medical School; Amsterdão: Instituto de Brower	Cursos de Neurologia; Serviço de Neurocirurgia (Hugh Cairns); Publica trabalhos de investigação em periódicos internacionais; Executa angiografia cerebral	JEN, 1933: 60-61, 98-101; AIC: 0399, 13, 13
	1933	?	Londres: London Hospital	Serviço de Neurocirurgia (Hugh Cairns) (Bolsa da Fundação Rockefeller/ Equiparado a bolseiro da JEN fora do país)	AIC: 0399, 13, 30/ 31/ 32 e 33; 1274, 11, 1
	1935	2	Londres: London Hospital; Estocolmo: Serviço de Neurocirurgia de Seraphin Lazaret	Serviços de Neurocirurgia; Participa em congressos internacionais – exemplo: II Congresso Internacional de Neurologia (Londres, 1935) (comunicação “Cerebral angiography technique”)	JEN, 1938: 86-87, 101-102
Lídia Manso Preto	1935	3	Londres: London Hospital	Anestesia neurocirúrgica (Bolsa da Fundação Rockefeller/Equiparada a bolseiro da JEN fora do país)	JEN, 1938: 257-260; AIC: 1273, 21

«Têm mostrado um grande interesse pela ‘encefalografia arterial’, insistindo para que realize umas conferências sobre o assunto o que por enquanto o meu inglês não permite. (...) nada há aqui digno de interesse no campo da fisiologia experimental, laboratorial, do sistema nervoso. O que existe é um esplêndido laboratório de psicologia experimental, embora seja assunto da maior actualidade e interesse, parece-me um tanto fora do meu programa. (...) A despesa dessa inscrição [num curso de Neurologia], e de alguns livros, aqui muito caros, não cabe de modo nenhum dentro das minhas possibilidades, o que me coloca

numa posição bastante embaraçosa. Poderia a ‘Junta’ fornecer-me qualquer auxílio para esse fim?»<sup>50</sup>

Com a concessão de um subsídio extraordinário para matrículas<sup>51</sup> e com o seu esforço e dedicação, não deixando de sentir dificuldades, nomeadamente financeiras<sup>52</sup>, consegue que a permanência em Londres seja proveitosa. Em 20 de Novembro de 1932, no *Resumo de Actividade* que envia à Junta, escreve a esse propósito:

«Pude colher... ensinamentos sobre a técnica de diagnóstico e operatória usada pela escola de Cushing. Os detalhes de técnica, os cuidados pré e pós-operatórios, a organização material e de pessoal, tudo regulado já por regras bem definidas e eficazes, foram por mim arrolados, julgando esses elementos da máxima utilidade na organização de um futuro serviço de neurocirurgia»<sup>53</sup>.

À imagem da conduta de Arnaldo Abranches de Almeida Dias<sup>54</sup>, Almeida Lima, enquanto bolseiro da JEN, também publica trabalhos de investigação científica em periódicos internacionais<sup>55</sup>. Sendo este um dos parâmetros analisados pela Junta no termo do desfrute de uma bolsa, deste modo, perante a instituição, Almeida Lima justificava a concessão da mesma e um eventual pedido de prorrogação.

Esse pedido não vem a ocorrer e em 1933 a bolsa de estudo de que usufrui é-lhe atribuída pela Fundação Rockefeller<sup>56</sup>. Na perspectiva dessa filantropia, uma bolsa na área da neurocirurgia surge em virtude de, após a sua reorganização em 1929, a instituição decidir, em conformidade com a sua principal directiva, – “promover o bem-estar da humanidade” – dar prioridade máxima à ciência médica e dentro da medicina o campo da psiquiatria é escolhido como alvo principal. Alguns dos fundos Rockefeller são assim investidos em bolsas para neurocirurgia, epilepsia, delinquência, reflexos condicionados, genética e neurofisiologia. É neste contexto que em 1933 surge a bolsa de estudo para Almeida Lima no serviço de Hugh Cairns, também ele beneficiário da mesma organização filantrópica<sup>57</sup>.

<sup>50</sup> (AIC: 0399, 13, 9).

<sup>51</sup> Resolução da Comissão Executiva de 8 de Março de 1932 (AIC: 0399, 13, 11).

<sup>52</sup> Vd. a este propósito a carta que dirige ao 1.º secretário da JEN em 18 de Maio de 1932 (AIC: 0399, 13, 24).

<sup>53</sup> (AIC: 0399, 13, 29, 4).

<sup>54</sup> Vd. Tabela 1.

<sup>55</sup> (AIC: 0399, 13, 29).

<sup>56</sup> Vd. Tabela 1.

<sup>57</sup> (PRESSMAN, 1998: 30-31, 480).

A importância destes dois estágios, reflectida já numa aplicação prática de conhecimentos adquiridos, está bem patente na carta que Lima endereça ao presidente da JEN, em 9 de Maio de 1935, quando através dela procura legitimar novo pedido de apoio para se deslocar a Londres e Estocolmo:

«Chegado a Portugal, foi-me conferido o honroso, mas muito difícil encargo de organizar e dirigir o serviço de cirurgia do sistema nervoso do Hospital Escolar. Primeiro e único serviço deste género existente no nosso país. Os resultados de ano e meio de trabalho deram-nos coragem para continuar, apesar das grandes dificuldades encontradas. Foram executadas mais de 70 intervenções de grande cirurgia do sistema nervoso com uma mortalidade inferior a 20%. Se se comparar estes resultados com os obtidos até à criação do serviço de neurocirurgia, poder-se-á deduzir, cremos, que o auxílio que me concedeu a Junta de Educação Nacional e a Fundação Rockefeller se traduziu por resultados bem apreciáveis e que algumas dezenas de doentes, antes votados a morte certa, foram restituídos à sua actividade social. (...) Não é possível porém chegar ao aperfeiçoamento técnico exigido pela moderna cirurgia do sistema nervoso e obter os resultados que hoje os doentes têm o direito de exigir, sem manter um contacto regular com os serviços onde ela melhor se pratica. (...) É o reconhecimento da necessidade de aperfeiçoamentos técnicos... que me leva a solicitar de V. Ex<sup>a</sup> a concessão de uma bolsa que me permita a visita ao serviço de Olivecrona em Estocolmo e a frequência de pelo menos mês e meio no serviço do Dr. Hugh Cairns»<sup>58</sup>.

Revelando-se inteiramente de acordo com as opiniões expressas por Lima, o presidente da JEN, Celestino da Costa, mostra-se sensível à sua solicitação e, após as suas informações extremamente favoráveis, a Comissão Executiva defere o pedido de subsídio do neurocirurgião, em 14 de Maio de 1935<sup>59</sup>.

Nesta sua última estadia na capital britânica, Almeida Lima participa com a comunicação “Cerebral angiography technique” no II Congresso Internacional de Neurologia<sup>60</sup>. Como a publicação de artigos científicos em periódicos internacionais em 1932, a sua intervenção pública na arena internacional, em 1935, também não deriva somente das qualidades individuais que evidencia, mas das exigências da

<sup>58</sup> (AIC: 1274, 11, 1).

<sup>59</sup> (AIC: 1274, 11, 2 e 8).

<sup>60</sup> Vd. Tabela 1.

própria organização que o financia – exigindo aos cientistas por si subsidiados para participar em congressos internacionais que apresentassem trabalhos originais de valor, a Junta pretendia com esta política mostrar que o país produzia ciência<sup>61</sup>.

Neste II Congresso Neurológico Internacional verificamos que Almeida Lima divulga a primeira grande invenção de Egas M. – a angiografia cerebral. Tal realidade não será um mero acaso – recuando a 1932, constatamos que já então o mesmo bolseiro realiza em Londres, pela primeira vez, essa prova, então denominada encefalografia arterial<sup>62</sup>, para o que foi incentivado pelo próprio E. Moniz através dos pedidos que nesse sentido lhe dirige por carta de 7 de Fevereiro<sup>63</sup>. Deste modo, o director do Instituto de Neurologia de Lisboa vai ainda ser beneficiário desta modalidade de funcionamento da Junta pela difusão internacional da sua técnica diagnóstica.

Quando do regresso de Almeida Lima ao London Hospital em 1935, já aí se encontra a sua anestesista Lídia Manso Preto, que no conceituado serviço de Hugh Cairns se está a especializar em anestesia neurocirúrgica<sup>64</sup>. Bolseira da Fundação Rockefeller, Lídia Manso Preto é simultaneamente equiparada a bolseiro da JEN fora do país. Como manifestado no caso de Almeida Lima, por detrás deste estágio está a figura de Egas M. – solicitando a equiparação a bolseiro no estrangeiro num ofício dirigido ao presidente da Junta, em 23 de Abril de 1935, aí elogia as qualidades da sua colaboradora, destacando a importância dessa especialização no desenvolvimento das investigações no Instituto de Neurologia por si dirigido<sup>65</sup>.

#### **Bolseiros no país da JEN membros da Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa**

Nas palavras de João Lobo Antunes, “Arnaldo de Almeida Dias (1893-1939) era um neurologista distinto, treinado na Alemanha, particularmente dedicado ao estudo microscópico das doenças do sistema nervoso”<sup>66</sup>.

A análise dos *Relatórios dos trabalhos efectuados pela Junta de Educação Nacional*<sup>67</sup> elucida-nos sobre a proveniência dos fundos para essa especialização ocorrida em solo germânico – verificamos que já antes da fundação da JEN, em Janeiro de 1929,

<sup>61</sup> (JEN, 1931: 41-43); (JEN, 1938: 13).

<sup>62</sup> (AIC: 0399, 13, 13).

<sup>63</sup> (ANTUNES, 1996: 190-191).

<sup>64</sup> Vd. Tabela 1; Vd. também (ANTUNES, 2011: 198).

<sup>65</sup> (AIC: 1273, 21, 1).

<sup>66</sup> (ANTUNES, 2011: 115).

<sup>67</sup> Relatórios anuais nos quais o 1.º secretário/secretário-geral sintetizava a actividade da instituição.

Almeida Dias havia permanecido em Berlim por 18 meses com um subsídio oficial<sup>68</sup>. Após a criação deste organismo, este colaborador de Egas M. continuou na Alemanha com uma bolsa de 9 meses, depois prorrogada por 3. Tendo aí procedido a estudos de anatomia patológica do sistema nervoso<sup>69</sup>, ao regressar a Portugal, em Dezembro de 1930, obteve nova bolsa da Junta, por um período de 6 meses. Conseguindo 3 prorrogações da mesma por 12 meses cada, totalizou 42 meses de bolseiro no país, dedicando-se à continuação dos estudos de anatomia patológica do sistema nervoso<sup>70</sup>.

**Tabela 2**  
**Bolseiros no país da JEN membros da Clínica**  
**Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa**

Nome	Ano	Duração da Bolsa (meses)	Temática de Estudo	Fontes
Arnaldo Abranches de Almeida Dias	1931/34	6+ 12+ 12+ 12 T: 42	Anatomia patológica do sistema nervoso (Prosseguimento de estudos iniciados durante estágio na Alemanha com bolsa da JEN); Publica artigos científicos em periódicos internacionais; Estudos para acabamento e instalação do novo manicómio de Lisboa (1933/34) – nestas obras aproveitou ensinamentos obtidos durante sua estada na Alemanha como bolseiro da JEN	JEN, 1932: 152-153, 159; JEN, 1933: 164-165, 172; JEN, 1934: 96-97, 105; JEN, 1935: 130-131, 136-137

A preocupação em aproveitar nacionalmente os antigos bolseiros no estrangeiro, nomeadamente por lhes garantir lugar em instituições locais, estava definida no Regulamento da Junta<sup>71</sup>. Cada caso de estudo será certamente específico e não surpreenderá se face à escassez de recursos, de que o 1.º secretário/secretário-geral sistematicamente se lamenta nos *Relatórios dos trabalhos efectuados*<sup>72</sup>, esse objectivo frequentemente ficar por alcançar.

<sup>68</sup> (JEN, 1930: 45-46).

<sup>69</sup> Vd. Tabela 1.

<sup>70</sup> Vd. Tabela 2.

<sup>71</sup> (JEN, 1931: 38).

<sup>72</sup> Vd. a esse respeito (JEN, 1930: 14-15); (JEN, 1932: 22-23); (JEN, 1933: 12-14); (JEN, 1934: 12-15); (JEN, 1935: 10-12, 15); (JEN, 1938: 13-16, 63-73); (IAC, [s.d.]: IX-XV).

No caso por nós analisado, a *filosofia* da instituição foi respeitada. Contudo, a ausência do processo completo de Almeida Dias no arquivo do Instituto Camões<sup>73</sup> não nos permite aferir até que ponto conseguiu efectivamente prosseguir as investigações inicialmente realizadas na Alemanha. Sem explicitar pormenorizadamente, o *Relatório dos trabalhos efectuados em 1933/34* refere, ainda assim, que para os estudos para a instalação e acabamento do novo manicómio de Lisboa o chefe de laboratório da Clínica Neurológica aproveitou ensinamentos obtidos durante a sua estada na Alemanha como bolseiro da JEN<sup>74</sup>.

No ano de 1931, enquanto era bolseiro no país, a JEN vai-lhe ainda conferir um apoio de outra natureza, neste caso inserido na rubrica “Serviços de Expansão Cultural e Intercâmbio Intelectual” – concedendo-lhe um subsídio de 4.000\$00, Almeida Dias participa no I Congresso Neurológico Internacional, em Berna<sup>75</sup>. Aí também se encontra presente Egas Moniz, novamente beneficiando de uma deslocação ao estrangeiro com um apoio oficial, neste caso da Faculdade de Medicina de Lisboa<sup>76</sup>.

Tendo facilitado a circulação de ideias entre diversas escolas, pela presença de cientistas europeus, asiáticos e americanos<sup>77</sup>, no congresso de Berna ambos os membros da Clínica Neurológica de Lisboa têm trabalhos seus apresentados. Não o tendo efectuado pessoalmente, foi o professor A. Jakob, seu antigo mestre em Hamburgo, quem apresentou uma comunicação em que parte dos resultados obtidos eram fruto das investigações do cientista português<sup>78</sup>.

#### Subsídios da JEN (e Fundação Rockefeller) à Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa

Recordemos a argumentação de E. Moniz referente à problemática em análise, nomeadamente a ideia de que do governo de Salazar nunca teve nem auxílio para o seu serviço de neurologia<sup>79</sup>. Tendo esta memória influenciado, como verificámos, a produção historiográfica subsequente, não surpreende que esta não mencione

<sup>73</sup> No seu processo 0402.15 há uma nota informativa onde é referido que “O primitivo processo foi emprestado ao interessado, que o levou para sua casa. Entretanto faleceu e o processo não voltou” (AIC: 0402, 15).

<sup>74</sup> (JEN, 1935: 136-137).

<sup>75</sup> (JEN, 1933: 283-284).

<sup>76</sup> (ANTUNES, 2011: 245).

<sup>77</sup> (LOUIS, 2010: 1-7).

<sup>78</sup> “O prof. Jakob apresentou um estudo de conjunto sobre o problema da localização e da nosologia dos espasmos de torsão. Apresentou três casos e um desses três casos apresentados foi estudado, sob o ponto de vista histo-patológico, pelo Dr. Almeida Dias...” (JEN, 1933: 283-284).

<sup>79</sup> Vd. citação com a nota de rodapé 8.

qualquer apoio do Estado português ao seu instituto. Contudo, uma análise dos processos referentes aos subsídios da JEN à Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa, de que Egas M. era director, revela-nos claramente uma outra realidade, que contradiz a memória por si fixada e a visão historiográfica vigente.

Entre 1929 e 1936, portanto, durante a existência da JEN, este organismo estatal concedeu em 5 anos económicos distintos subsídios para auxiliar a Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa.

Os 2 primeiros anos em que a Junta concedeu esses apoios reflectem claramente a sua incapacidade em satisfazer plenamente as exigências requeridas – atenda-se tão-somente ao facto de em 1929/30 Egas M. solicitar, em ofício dirigido ao presidente da JEN, a atribuição de 20.000\$00 para aquisição de material científico<sup>80</sup>, sendo-lhe concedido apenas um quarto desse valor. Já no ano económico seguinte, o director da Clínica Neurológica de Lisboa pede um subsídio pelo menos equivalente ao atribuído em 1929/30, no entanto a Junta concede-lhe somente 3.800\$00.

Esta tendência de redução do montante atribuído vai-se manter até 1933/34, quando atinge os 1.500\$00, subindo no ano económico seguinte para os 2.000\$00. De constatar que neste ano, pela primeira vez, a Fundação Rockefeller intervém no processo de financiamento do Instituto de Neurologia.

Se João Lobo Antunes já havia mencionado o apoio desta organização filantrópica no apetrechamento do Serviço de Neurocirurgia do Hospital Escolar<sup>81</sup>, essa ideia é reforçada com a documentação por nós consultada. Em 6 de Dezembro de 1934, E. Moniz solicita, em ofício dirigido ao presidente da JEN, um subsídio para aplicar conjuntamente com a Fundação Rockefeller, que se disponibiliza para, em parceria com instituições nacionais, contribuir para a aquisição de instrumentos para o Serviço de Neurocirurgia do Instituto de Neurologia<sup>82</sup>. Dois dias depois, a Comissão Executiva da Junta concede 2.000\$00 para essa aquisição de material<sup>83</sup>.

<sup>80</sup> (AIC: 1228, 04, 1).

<sup>81</sup> (ANTUNES, 1986: 119-121).

<sup>82</sup> (AIC: 1229, 18, 1). Para um conhecimento mais aprofundado do *modus operandi* da filantropia Rockefeller vd. (SIEGMUND-SCHULTZE, 2001).

<sup>83</sup> (AIC: 1229, 18, 6).

**Tabela 3**  
**Subsídios da JEN (e Fundação Rockefeller) à Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa; (os valores são em escudos)**

Ano	Director da Instituição	Subsídio Pedido	Subsídio Concedido	Aplicação do Subsídio	Fontes
1929/30	Egas Moniz	20.000	5.000	Publicações científicas; Aquisição de bibliografia e material científico	JEN, 1930: 107; JEN, 1933: 204-205; AIC: 1228, 4.
1930/31	Egas Moniz	5.000	3.800	Publicações científicas em Portugal e no estrangeiro; Aquisição de material científico	JEN, 1932: 180-181; JEN, 1933: 204-205; AIC: 1327, 27.
1931/32	Egas Moniz	?	3.000	Publicações científicas em Portugal e no estrangeiro; Aquisição de bibliografia	JEN, 1933: 204-205, 234-236; AIC: 1327, 6
1933/34	Egas Moniz	?	1.500	Publicações científicas em Portugal e no estrangeiro	JEN, 1935: 194-195, 217-219; AIC: 1282, 1
1934/35	Egas Moniz	?	2.000	Publicações científicas em Portugal e no estrangeiro; Aquisição de bibliografia (Subsídio da JEN em colaboração com a Fundação Rockefeller para aquisição de material de investigação)	JEN, 1938: 236-237, 257-260; AIC: 1229, 18
<b>Total</b>			<b>15.300</b>		

Respeitando as exigências a que estava sujeito ao ser beneficiário do auxílio da JEN, o director do Instituto de Neurologia remete ao seu secretário-geral, em 18 de Junho de 1935 e 20 de Fevereiro de 1936, a documentação comprovativa do emprego do subsídio concedido. A sua análise revela-nos um conjunto de facturas e recibos indicativos de gastos com publicações científicas em Portugal e no estrangeiro, e em aquisição de bibliografia<sup>84</sup>. Não havendo registos de aquisição de material de investigação, surge-nos a dúvida sobre se o subsídio concedido em colaboração com a Fundação Rockefeller foi aplicado nos fins a que efectivamente se destinava.

Por outro lado, atendendo a que Almeida Lima recebe em 1935, para o seu estágio de 2 meses em Londres e Estocolmo, 16.000\$00<sup>85</sup>, e considerando que é por seu intermédio que a Fundação Rockefeller se disponibiliza a auxiliar o serviço que

<sup>84</sup> (AIC: 1229, 18, 5 e 7).

<sup>85</sup> (AIC: 1274, 11, 8). A título comparativo recordemos que Almeida Dias se desloca ao I Congresso Neurológico Internacional, em Berna, em 1931, num estágio de mês e meio, tendo-lhe a JEN concedido 4.000\$00 (JEN, 1933: 283-284).

dirige, coloca-se-nos a dúvida se não terá parte desse elevado montante sido canalizada para o apetrechamento do Serviço de Neurocirurgia.

Independentemente destas dúvidas, verificamos que durante a sua existência a Junta concede um total de 15.300\$00 à Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa<sup>86</sup>. Perante o que considera ser atribuições anuais muito inferiores às reais necessidades do instituto que dirige, e mesmo desproporcionais à qualidade e quantidade da investigação aí produzida, Egas M. remete ofícios à JEN onde se lamenta sobre o valor dos subsídios que lhe concede<sup>87</sup>.

A par destas lamentações, outros ofícios há onde o director do Instituto de Neurologia agradece e reconhece a importância dos auxílios conferidos na melhoria do funcionamento da instituição. Num desses ofícios, dirigido ao presidente da JEN, Egas M. escrevia:

«Tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> uma colecção dos trabalhos publicados pelo Instituto de Neurologia no ano de 1932. Muitos deles foram publicados e puderam ter expansão devido ao subsídio que a Junta de Educação Nacional nos tem dado. Aproveito o ensejo para manifestar a V. Ex.<sup>a</sup> o meu grande reconhecimento pelo auxílio prestado pela Junta da sua digna presidência aos nossos trabalhos de investigação científica»<sup>88</sup>.

Perante a tese do *propositadamente desajudado pelo governo*, expressa após a sua jubilação, este e outros documentos de semelhante teor assumem particular relevância. A sua leitura remete-nos ainda para a aplicação conferida aos subsídios, neste caso a publicação de trabalhos. Pela análise da Tabela 3 verificamos que juntamente com as publicações científicas em Portugal e no estrangeiro, E. Moniz aplica esses auxílios financeiros da Junta em aquisição de bibliografia e de material de investigação para o seu instituto.

Na sua biografia de Egas Moniz, João Lobo Antunes defende a ideia de que o cientista nascido em Avanca não abdicou de um protagonismo único, particularmente no que se referiu à divulgação da sua obra no estrangeiro<sup>89</sup>. Uma análise detalhada de todos os documentos enviados por Egas M. à JEN, referentes à aplicação dos subsídios concedidos à Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia, actualiza

<sup>86</sup> Vd. Tabela 3.

<sup>87</sup> A este propósito vd. o seu ofício de 23 de Novembro de 1932 (AIC: 1327, 06, 5).

<sup>88</sup> Ofício de 3 de Março de 1933 (AIC: 1327, 06, 8) (Sublinhado nosso).

<sup>89</sup> (ANTUNES, 2011: 201).

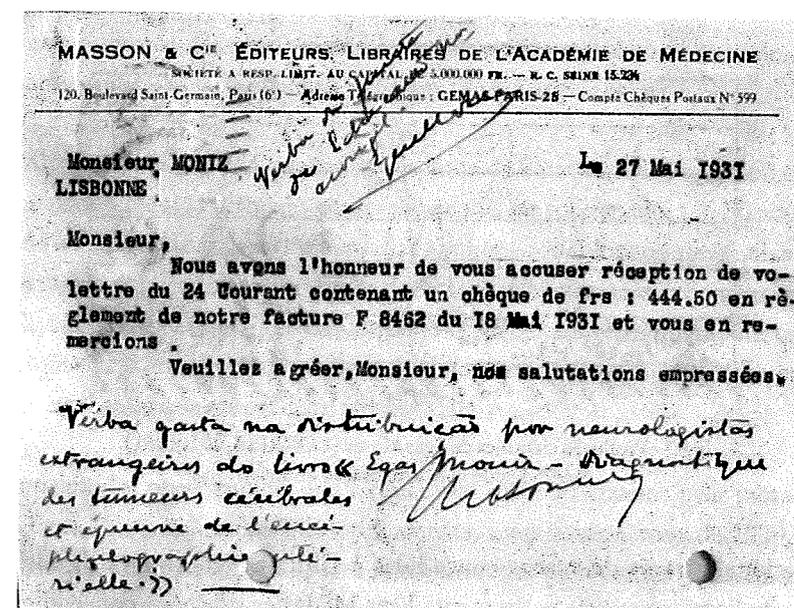


Fig. 2— Bilhete-postal enviado pela Masson a Egas Moniz em 27 de Maio de 1931.

Crédito do IC (AIC: 1327, 27, 12), autorizado pelo IC

essa tese na perspectiva de ter o Estado português, por intermédio da instituição por nós analisada, estado por detrás de parte significativa dessa divulgação.

O ano de 1931 é a esse título paradigmático. Nesse ano Egas, como anteriormente referido, desloca-se ao I Congresso Neurológico Internacional, em Berna, com o apoio da sua faculdade. Aí apresenta o relatório “La localisation des tumeurs cérébrales par l’encéphalographie artérielle”, do qual distribui 800 exemplares, os quais, tendo custado 1.800\$00, foram quase totalmente pagos (1.400\$00) com a terceira prestação do subsídio atribuído pela Junta nesse ano ao seu instituto<sup>90</sup>.

Também em 1931 o neurologista português publica a monografia *Diagnostic des Tumeurs Cérébrales et Épreuve de l’Encéphalographie Artérielle*, pela Masson, na época a mais famosa editora de livros médicos de França<sup>91</sup>. Contando com um prefácio de Babinski, esta obra é entendida pelo próprio E. Moniz “... como subsídio importante na história da arteriografia...”<sup>92</sup>. O que nem o seu autor nem a historiografia produzida sobre o assunto reproduzem é o facto de a JEN ter intervindo na sua distribuição

<sup>90</sup> (AIC: 1327, 27, 8).

<sup>91</sup> (ANTUNES, 2011: 163-165).

<sup>92</sup> (MONIZ, 1949: 165-166).

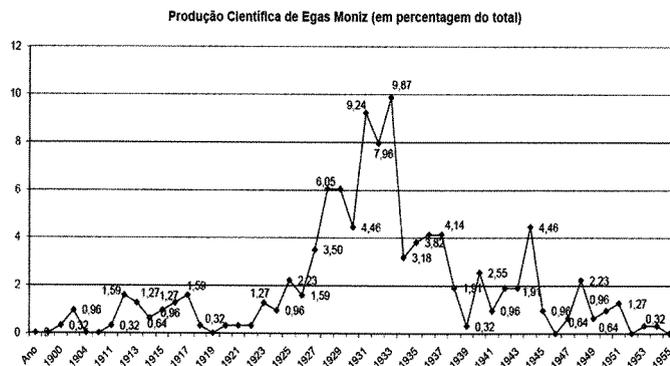


Fig. 3— Produção científica de Egas Moniz (CORREIA, 2010: 161).  
Reproduzido com autorização do autor.

internacional através de verbas concedidas à Clínica Neurológica de Lisboa<sup>93</sup>.

Esta aplicação que sistematicamente Egas M. dá aos subsídios concedidos pela Junta ao seu instituto pode-nos levar a supor constituírem um estímulo à sua produção científica. Sabendo que teria nos finais dos anos 20 e inícios da década de 30 fundos que poderia aplicar na divulgação das suas investigações, Egas M. poder-se-ia sentir motivado para produzir em maior quantidade. Sendo assim, não pretendendo interpretar exclusivamente os níveis da sua produção científica em função dos recursos de que dispunha, julgamos legítimo supor poder haver um efeito JEN na explicação da realidade patenteada no gráfico representado na Fig. 3<sup>94</sup>.

Verifica-se que nos anos de existência da Junta a produção científica de E. Moniz atinge os valores mais elevados, bastante destacados inclusivamente dos registados a partir do momento em que tem entre mãos a sua segunda grande invenção, a leucotomia pré-frontal, sendo que nessa altura, a partir de 1936, a JEN é extinta e substituída pelo Instituto para a Alta Cultura, deixando este novo organismo de conceder auxílio financeiro ao Instituto de Neurologia de Lisboa<sup>95</sup>.

<sup>93</sup> Vd. Fig. 2; este bilhete-postal foi enviado por Egas Moniz à JEN, em 26 de Janeiro de 1932, como um dos documentos justificativos do emprego do subsídio concedido em 1930/31. Em manuscrito lê-se, assinado por Egas Moniz, “Verba da Junta de Educação Nacional” e “Verba gasta na distribuição por neurologistas estrangeiros do livro *Egas Moniz – Diagnostique des tumeurs cérébrales et épreuve de l’encéphalographie artérielle*” (AIC: 1327, 27, 12).

<sup>94</sup> A hipótese agora levantada resulta de uma conversa com o autor deste gráfico, Manuel Correia, durante o Workshop “A Junta de Educação Nacional (um Projecto de Investigação)”, onde apresentámos esta comunicação.

<sup>95</sup> A análise dos *Relatórios dos trabalhos efectuados pelo IAC*, em 1936, 1937 e 1938, revela-nos não

É esta nova realidade que impele o seu director, num relatório enviado ao IAC referente a uma missão de estudo a Itália em 1937, a argumentar:

«Até o pequeno auxílio que me dava a Junta de Educação Nacional de 3.000\$00 anuais, em seguida cerceado, para publicidade, me foi cortado! (...) Grande tem sido o número de artigos, monografias e volumes que, com os meus colaboradores tenho publicado em português, francês, inglês, alemão e italiano, com largas edições de separatas para enviar às clínicas neurológicas e, ultimamente, também psiquiátricas dos centros científicos de maior renome. (...) Tem sido um encargo que o subsídio que me era dado em parte aliviava»<sup>96</sup>.

Concluindo, pressupondo que os recursos disponibilizados pela Junta motivaram Egas M. a produzir mais cientificamente, estas suas palavras de 1939, numa perspectiva prática, repercutir-se-iam e justificariam, pelo menos parcialmente, os valores da sua produção científica durante e pós-Junta de Educação Nacional.

## Conclusão

Na bibliografia consultada somente se encontra num autor, e erradamente, por confundir Junta de Educação Nacional (1929/36) com Junta Nacional de Educação (criada em 1936), a referência à Junta em articulação com a vida e obra de E. Moniz. Referimo-nos a João Lobo Antunes, na ocasião reportando-se à bolsa de estudo atribuída a Almeida Lima em 1932, e demonstrativo do esquecimento a que tem estado votada esta instituição é o facto de esse erro, referenciado primeiramente em 1996<sup>97</sup>, se manter na sua biografia de E. Moniz, em 2011<sup>98</sup>. Não diminuindo de modo algum o valor dessa obra, a qual, juntamente com o trabalho de Manuel Correia<sup>99</sup>, possui o mérito de implicitamente reconhecer não dever ser lida a memória fixada pelo neurologista português de um modo

haver qualquer subsídio atribuído a este instituto nesses anos (IAC, [s.d.]); (IAC, 1941a); (IAC, 1941b). A mesma conclusão, para todos os anos de funcionamento do IAC, é retirada da consulta do Arquivo Histórico do Instituto Camões, que revela a inexistência de qualquer processo do Instituto de Neurologia de Lisboa a partir de 1936.

<sup>96</sup> (AIC: 0387, 03, 10, 6 e 7).

<sup>97</sup> (ANTUNES, 1996: 181).

<sup>98</sup> (ANTUNES, 2011: 189).

<sup>99</sup> (CORREIA, 2010).

ingénuo, falta-lhe contudo uma agenda centrada na relação Estado/investigação científica de E. Moniz.

Um modo de procurar integrar essa temática nas actuais agendas historiográficas é por intermédio do estudo dos processos da JEN, preservados no Arquivo Histórico do Instituto Camões. Essa análise revela-nos a atribuição de bolsas de estudo a diversos colaboradores de E. Moniz, possibilitadoras de especializações e divulgação do trabalho do mestre; subsidiação de momentos de intervenção pública e consagração de Egas M., por si capitalizados pela divulgação dos resultados da sua actividade científica e auxílio financeiro à Clínica Neurológica/Instituto de Neurologia de Lisboa, sistematicamente aproveitado pelo seu director na expansão nacional e internacional dos seus trabalhos.

Em conclusão, de modo algum legitimadora da natureza dos Estados que a financiam, *naturalmente* ilegítimos, a Junta de Educação Nacional, ao auxiliar a integração de Egas Moniz nas redes de comunicação científicas internacionais, desempenhou um papel fundamental no seu reconhecimento e consagração, permitindo-nos inverter a tese do *propositadamente desajudado* para o *deliberadamente auxiliado*.

## Fontes e Bibliografia Referenciada

### Fontes

- AIC – Arquivo do Instituto Camões (fundo da Junta de Educação Nacional).  
 “Congresso de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médicas” in *Diário de Notícias*. Ano 66.º – N.º 23244, Quarta-feira, 15 de Outubro de 1930: 1.  
 IAC – Instituto para a Alta Cultura: *Relatório dos trabalhos efectuados em 1936*. Coimbra, [s.d.]; 1937. Coimbra, 1941a; 1938. Coimbra, 1941b.  
 JEN – Junta de Educação Nacional: *Relatório dos trabalhos efectuados em 1928-1929*. Lisboa, 1931; 1929-1930. Lisboa, 1930; 1930-1931. Lisboa, 1932; 1931-1932. Lisboa, 1933; 1932-1933. Lisboa, 1934; 1933-1934. Coimbra, 1935; 1934-1935. Coimbra, 1938.  
*Lisboa Médica. Jornal Mensal de Medicina e Cirurgia*. Ano XIV. N.º 12, Dezembro 1937: 749-891.  
 MONIZ, Egas (1949). *Confidências de Um Investigador Científico*. [S.L.]: Edições Ática. (Ed. fac-simile, 2009)  
 MONIZ, Egas (1950). *Conferências Médicas e Literárias. III – Ramon y Cajal*. Lisboa: Portugália Editora.

### Bibliografia

- ANTUNES, J. Lobo (2006). “Egas Moniz Hoje”. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*. Série III, 11 (3): 157-161.  
 ANTUNES, João Lobo (2011). *Egas Moniz – Uma Biografia*. Lisboa: Gradiva.  
 ANTUNES, João Lobo (1996). *Um Modo de Ser. Ensaios*. Lisboa: Gradiva.  
 ANTUNES, João Lobo (1986). “Pedro Almeida Lima, Fundador da Neurocirurgia Portuguesa”. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Tomo CL, n.º 3: 119-121.  
 CALDAS, A. Castro (1986). “A criação do Centro de Estudos Egas Moniz”. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Tomo CL, n.º 3: 122-124.  
 CALDAS, Alexandre Castro (2000). “O Centro de Estudos Egas Moniz”. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (org.). *Egas Moniz em Livre Exame*. Coimbra: Minerva, 315-320.  
 CASTELO, Henrique Bicha (2006). “Egas Moniz e a Faculdade de Medicina de Lisboa”. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*. Série III, 11 (3): 139-142.  
 COELHO, António Macieira (2000). “Vivências na Intimidade de Egas Moniz”. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (org.). *Egas Moniz em Livre Exame*. Coimbra: Minerva, 51-65.  
 CORREIA, Manuel da Encarnação Simões (2010). *Egas Moniz: Representação, Saber e Poder*. Coimbra: Universidade de Coimbra. (Tese de Doutoramento em História da Cultura apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra)  
 COSTA, J. Celestino da (1986). “Almeida Lima – um Tributo”. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Tomo CL, n.º 3: 125-129.  
 GETZ, Marshall J. (2009). “The Ice Pick of Oblivion: Moniz, Freeman and the Development of Psychosurgery”. *Trames*. 13 (63/58), 2: 129-152.  
 KOTOWICZ, Zbigniew (2012). *Psychosurgery: The Birth of a New Scientific Paradigm. Egas Moniz and the Present Day*. Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa.  
 LOUIS, Elan D. (2010). “The conceptualization and organization of the first International Neurological Congress (1931): the coming of age of neurology”. *Brain. A Journal of Neurology*: 1-7. Disponível on-line em [brain.oxfordjournals.org](http://brain.oxfordjournals.org).  
 MALPIQUE, Manuel da Cruz (1969a). “Egas Moniz. Um Paradigma como Professor-Investigador Universitário. Considerações Marginais”. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, n.º 139: 197-226.  
 MALPIQUE, Manuel da Cruz (1969b). “Egas Moniz. Um Paradigma como Professor-Investigador Universitário. Considerações Marginais”. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, n.º 140: 241-261.  
 MELO, António da Rocha (2000). “Egas Moniz e a Neurocirurgia”. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (org.). *Egas Moniz em Livre Exame*. Coimbra: Minerva, 113-124.  
 MILHEIRO, Jaime (2000). “Contributos de Egas Moniz para a Psiquiatria e para a Psicanálise”. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (org.). *Egas Moniz em Livre Exame*. Coimbra: Minerva, 165-174.  
 PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (org.) (2000). *Egas Moniz em Livre Exame*. Coimbra: Minerva.

PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor (2000). “Escritos Maiores e Menores sobre Egas Moniz”. *Cadernos de Cultura. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Séc. XXI*. n.º XIV: 41-45.

PRESSMAN, Jack D. (1998). *Last Resort: Psychosurgery and the Limits of Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press.

SIEGMUND-SCHULTZE, Reinhard (2001). *Rockefeller and the Internationalization of Mathematics Between the Two World Wars: Documents and Studies for the Social History of Mathematics in the 20th Century*. Basel; Boston; Berlin: Birkhauser Verlag.